

Editorial

Uma revista se constrói com movimentos, alguns mais arriscados, outros mais ponderados, mas, em ambos os casos, o que nos move é o andar para a frente, a continuidade que fundamenta toda atividade editorial. A Revista Linhas Críticas encontra-se em processo de transição e busca um novo rumo, com nova editoria e diferentes perspectivas de trabalho editorial. Esse movimento, esperamos, será para frente e com algum risco, no sentido de apontar um caminho para a Revista se consolidar como referência no campo da pesquisa em Educação no Brasil para, à medida que caminhamos, seguirmos ampliando o diálogo com a América Latina e o mundo.

Este é o último número de 2017, o segundo tendo-nos como editores da Linhas Críticas, a qual assumimos com o compromisso de garantir a qualidade que havia alcançado com os editores e editoras que nos precederam e de ampliar seu escopo, tendo em vista outros desafios que nos provocam o ano vindouro de 2018 – como a reformulação de nossas políticas editoriais, colocadas agora em uma outra dimensão, não maior nem melhor, apenas outra. Esperamos encerrar este ano abrindo horizontes para que o próximo nos traga outros leitores, outras recepções e novos caminhos para trilharmos.

É nesse movimento que iniciamos o número 52 com a publicação de um dossiê temático, intitulado ***Currículos e Práticas educativas em espaços formais de educação***, organizado por Nilma Margarida de Castro Crusoé, professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Esse dossiê discute aspectos curriculares dentro do espaço escolar, em nove artigos que apresentam “resultados de pesquisas que tratam de estudos sobre teorias, práticas e políticas curriculares; culturas, processos de diferenciações e discurso; formação de professores e práticas educativas em espaços formais de educação”. Num momento em que documentos como a Base Nacional Curricular são debatidos em meio a exercícios de pós-verdade e quando movimentos obscurantistas avançam sobre os currículos escolares, discutir Currículo é um ato de resistência, aqui manifestado nesse conjunto de artigos.

Além dos textos do dossiê, prosseguimos com a publicação de dois artigos em fluxo contínuo. O primeiro, de Remi Castioni, professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, intitulado “Identidade de Escola Técnica versus Vontade de Universidade nos Institutos Federais: uma abordagem histórica”, discute um problema que acompanha os Institutos Federais de Ensino, os antigos-Cefets e Escolas Agrotécnicas, desde sua gênese, o hibridismo identitário dessas instituições, inicialmente escolas de formação técnica, e que hoje ofertam da Educação Básica à Pós-Graduação Stricto Sensu. O artigo historiciza esse movimento no qual entrevê um conflito entre o que chama de “identidade de Escola Técnica” e “Vontade de

Universidade” como elemento de tensão nos institutos.

O segundo artigo, intitulado “Em gênero e sexualidade aprende-se pela repetição com diferença: cenas escolares” de Yara Paula Picchetti e Fernando Seffner, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, traz uma discussão de um campo emergente no âmbito da pesquisa educacional, mas já consolidado no plano da cultura e que tem, nos últimos anos, oxigenado o debate público em nosso país, a questão de gênero. A autora e o autor, questionam o lugar da heteronormatividade como padrão nas abordagens das relações de gênero na escola, o que leva a um processo de marginalização e/ou exclusão das expressões de sexualidade e gênero não-hegemônicos. O que nos leva a pensar na escola como espaço de reprodução das normas vigentes, de comportamentos conservadores, os quais são objeto de crítica frequente de pedagogias mais progressistas, mas ainda distantes dos processos de formação docente e da própria prática pedagógica nas escolas. O artigo é um convite ao debate.

Esperamos que os artigos aqui apresentados nas duas seções alcancem leitores com os quais o diálogo proposto pelos autores encontre eco e possa reverberar em outras margens, outros gabinetes, outras bibliotecas e nos diferentes espaços em que o conhecimento acadêmico-científico possa fomentar debates e reflexões. Fazemos votos de boa leitura!

Edileuza Fernandes da Silva

Rodrigo Matos De Souza

Editores